



Quando o José era pandigo e fadista, e quando atirava a sua pedrada, junto com os Caixoneiros; também tocava guitarra, dançava, e cantava algumas modinhas. Um sugeito que viu uma d'estas — innocentes distrações — conta que ouviu as seguintes letras, que muito applaudidas foram pelos patucos, pela belleza da paródia.

QUADRAS.

Infeliz fugio Antonio;
Com elle o fado acabou;
Pois fadista com elle
Neste mundo não ficou

Chorai fadistas; chorai,
Mên irmão que se perdeu,
Derramai sentido pranto;
O caleche desapareceu.

Ponde no braço da bunda
Um laço de negro fumo,
Que este signal indique
O caleche mudou de rumo:

Levantai um monumento
E junto delle um chorão;
Com epitaphio que diga:
«Reza! por meu irmão»

«Que foi o maior tratante
«Que neste mundo appareceu,
«Em Londres ainda vive
«E p'ra Portugal morreu.»

Com elle se foi de todo
A paz de Portugal,
Foram os pintos também
Que os levou o Cabral.

O João da lingua gorda
Um duro golpe soffreu,
No dia que lhe disseram
Teu irmão desapareceu.

Lá na terra dos londrinos
Com uma guitarra na mão
Empalmeiras libras e soldos,
Trasá tudo em confusão.

Adeos, adeos meu irmão,
Pois me deixas desgostoso,
Nada resta em Thomar
Faltando o cão tihoso.

Este irmão Antonio
Foi esperto sem igual;
E sua esperteza fez
Transparente Portugal.

Para bem dançar o fado
Deve estar a pança vazia;
Elle fez bem bons fadistas
Por nunca pagar em dia.

Só ao som de uma guitarra
Se pôde o fado dançar,
Tambem ao redor do caleche
Se pôde comer e bifar.



enha cá, minha menina, sente-se neste banquinho, esteja quieta, pareça uma senhora, e responda ao que se lhe perguntar. Deixe ver as unhas?... Eia!... Então

não tem vergonha de apresentar umas unhas neste estado?!

Menina. — Então que tem as unhas?

Mestre. — Que tem! Vê estes signaesinhos brancos? São mentiras; e quem é mentirosa leva nas mãos, no assento, e mette-se-lhe pimenta na boca.

Menina. — Eu não sou mentirosa.

Mestre. — Não é? muito bem. Vê esta menina de cinco olhos? pois está aqui mesmo a sua espera. Responda, mas não chore. V. m. não é a menina das Mercês, a pupilla do conde de Thomar, e a cocheira do seu caleche?

Menina. — Sim, senhor.

Mestre. — Então tome (leva uma duzia de palmatoadas, chora e grita pelo tio José, leva mais outra duzia, chama o tio João, ainda mais outra; e só no fim de duas horas é que se calla). Muito bem: já se callou. Agora não responda senão quando eu lhe disser. A menina tem dito que ha ahí uns papões, modelo de disciplina. Se isto é verdade por qué a menina o disse, hade dizer também que muita gente viu disciplinarem elles os moços de padeiro no bairro alto, e os que estavam m. . . . nas esquinas; hade dizer que vão vestidos como gente, visitar, e contar ao papão grande de Bemfica as esmollas que teem dado aos pobres por essas ruas de Lisboa; hade dizer que quando vêm o seu novo commoandante, voltam lhe as costas como se elle fosse o moço que leva os travesseiros, e capas ás estações, ha-de dizer finalmente que teem, cada anno 182 pintos e meio, fora a salva e a peanha, e que dão o seu pentapé, e o mais que se sabe, nos que contribuem para esta pexincha! Então, tenciona dizer também isto, e outras muitas cousas que a menina sabe com certeza que são verdades!

Menina. — Eu não, senhor, por que fallando uma vez verdade, em o tio Antonio sabendo não me dá mais põesinho, e o senhor bem conhece que estou em Lisboa sómente para dizer o contrario de tudo o

que se sabe e se vê; eu sou innocente. Não se lembra, há poucos dias quando foram não sei quantos do Commercio em um carrão da cocheira do Salitre procurar o visconde de Pinheiro, disse eu que foram em burrinhos a Cintra, a moda dos soldados da marinha ingleza; eu bem sabia que era mentira, mas assim fazia arranjo para cousas que eu cá é que sei; e se algum dia for preciso dizer que foi uma falsa conduzir gente a calçada de Carriche, digo-o, e effirmo-o, ainda que eu sei que é impossivel, mas que quer que eu faça se assumo o mandam os patões.

Mestre. — A menina é innocente, mas leve sempre mais esta meia duzia para o caminho, e diga aos tios que se contarem a mandal-a dizer mentiras ha-de levar também a sua conta, mas não de palmatoadas; ha-de ser d'aquella.

Orá vá para casa muito quieta, não brinque com os rapazes pela rua, e se quiser conte a historia aos seus primos, e diga-lhe que foi o velho Bubblesco, que papa meninas falsas; quem lhe den as palmatoadas.



nosso particular amigo José disse ha dias que já não ha Larecias, Magdalenas, Judiths, Sócrates, Fabricios, Catões nem Brutos. Dos primeiros cinco de certo não ha, mas dos dois ultimos temos, e muito bom! Elle sabe muito bem quem é o melhor Catão do mundo, quantas polegadas tem de altura, quanto péza, e o seu valor; e a respeito de Bruto procure por sua casa, que além dos encarregados de puchar a sua carroagem, hade por lá encontrar algum digno deste nome. . . . Já se sabe, por sabedoria, intelligencia, etc. etc.

DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.

(Continuação).

B.

BABA, subst. fem. Saliva espessa, e viscosa, que corre da bocca do José quando está zangado com a Bernarda.

BABOSO, a. adj. Tolo que não sabe o que diz. V. g. João.

BAGATELLA, subst. fem. Couisa de pouco preço, frivola, insignificante, como por exemplo as lúvas dos contractos, estradas, vendas de empregos, commendas e titulos.

BAJOUJO, a. adj. (vulgo) tolo, baboso, estúpido — Pobres no Porto.

BAJULAÇÃO, subst. fem. Lisonja vil, obsequios para agradar a alguém, com abastimento de quem os faz, por exemplo, como faz o Jornal do Povo.

BANCARRÓTA, subst. fem. Banca deturpada, rota por Antónia.

BANCO, subst. fem. Assento grosseiro de taboa estreita, com encosto ou sem elle. Todos os que ha em Portugal estão podres e carunchosos, nem para lenha servem.

BANCO. Porção de pedras e areia na ilha do Pelourinho, onde muitos vasos teem dado á costa, e naufragado.

BARATO, adj. Preço diminuto por que se vende qualquer cousa, v. g., um caleche barato, uma commenda barata, uma porcellana barata, atum barato, chouriços baratos, Alfeite barato, etc. etc.

BERIMBAU, subst. Instrumento de ferro que se colloca sobre os dentes, e com o dedo index se tocam lindas peças de musica, de piolho, pulga, perezeje, etc. Seu inventor foi José quando era fadista; e no descanço da pedrada divertia os Caixoneiros e mais amigos seus com as harmonias do seu instrumento, como Apollo nas noites de verão distraia e entretinha as suas nove filhas, no monte Parnazó.

BICO, subst. E' uma especie de reliquia que o Marcos traz sempre comsigo, para o livrar de sessões, quebranto, brucharias, e dos rigores do inverno.

BORRACHA, adj. fem. Lugar onde o Marcos deixa os seus cinco sentidos. Serve-lhe de mala para levar tudo o que lhe é necessário em uma viagem, e em a não

tendo junta de si, delira, desmaia, e até morre.

BORRACHO (cara de), o mesmo que cara de preto, cara de marcos, cara de vaz, cara de bebado, etc. etc.

BOTA, subst. fem. Uns canudos de marroquim, carneira, ou bezerro, que tem no fim o lugar onde se mettem os pés. Untadas com cebo é propriedade de João Aliás, privilegiado por 70 annos.

BRAZ, subst. Nome que addicionando-lhe a palavra — Xarope — quer dizer cão damnado, rafeiro tihoso, galgo faminto, gozo esfaumado, dogue sarnento, e fraldi-queiro aborrecido.

BRINCALHÃO, adj. Estado em que está o Preto meio segundo depois do almoço, lanche, jantar, merenda, e ceia.

Editor responsável.. Manoel de Jesus Coelho.—Lisboa 1851.—Typographia de M. de Jesus Coelho, rua do Poço dos Negros n.º 54

